



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Aldo Antônio De Antoni FG185

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.021.SIN-TRA

Entrevistado/a: Aldo Antônio De Antoni

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 23 de novembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Imigração: procedência; vinda para o Brasil; estabelecimento em São Luiz da 3ª Léguas; mudança para Caxias do Sul; atividade econômica.

Oficina de fabricação de máquinas agrícolas De Antoni: localização; produção; comercialização.

Fundição de ferro De Antoni: a fundação e o pioneirismo em Caxias do Sul.

Curtume Tupy: localização.

Máquina trilhadeira: a primeira trilhadeira fabricada no Brasil; funcionamento e uso.

Mecânica: evolução (da força braçal à energia elétrica).

Educação: Colégio Maguari (construção, primeira localização, alunos, evolução); Colégio Nossa Senhora do Carmo (cursos ginásial e comercial).

Engenhos de madeira: instalação dos engenhos e o corte de pinheiros.

Sistema para trilhagem do trigo: sociedade entre os colonos.

Mão de obra: qualificação dos operários e dos colonos; relações de trabalho.

O princípio da industrialização de Caxias do Sul; indústria de máquinas agrícolas: concorrência.

O bairro Santa Catarina e as indústrias.

Desenvolvimento industrial e a presença de fontes de água.

Transporte de mercadorias: BR 116 e estrada de ferro (itinerário).

Comércio: Armazém de Secos e Molhados Amadeo Rossi (localização, mercadorias, sistema de vendas); Armazém de Secos e Molhados Guerino Sanvitto (compra e venda de mercadorias).

Transcrição:

Sônia: O seu nome, a data do seu nascimento, a origem de seus pais?

Aldo: Já está gravando?

Susana: Já.

Aldo: O meu nome é Aldo Antônio De Antoni. Os meus pais são Evaristo De Antoni e Aurélia D'Agostini De Antoni.

Susana: Eles, eles vieram da Itália, seus pais?

Aldo: Não, os meus pais são brasileiros. Quem veio da Itália foi meu bisavô, Antônio De Antoni e Alexandre de Antoni.

Susana: De que região eles eram?

Aldo: Eles eram de Vicenza. Vieram de Vicenza no ano de 1889. Chegaram e se estabeleceram em São Luiz da 3ª Léguas. Se estabeleceram lá com uma oficina, porque eles não vieram como agricultores. O meu avô, o Alexandre era ferreiro, e o meu bisavô era carpinteiro... E, aí se estabeleceram com uma oficina porque eles ficavam em São Luiz da 3ª Léguas ficava em cima do morro, onde que eles viam Nova Palmira, subiam o morro e ali as carretas passavam ali. Precisava de algum reparo nas carretas, ferrar os cavalos, que usavam as ferraduras, que tinha que ferrar os cavalos. E ali começaram a fabricar alguma ferramenta, ah, agrícola, forjar né, com a forjaria, com uma forja. Forjar as ferramentas, enxadas, pás, ferramentas agrícolas assim. Depois, no ano de 1908, eles saíram de lá e vieram aqui para a Vila, aqui em Caxias, e se estabeleceram ali no [Bairro] Pio X, onde tinha o Curtume Tupi, o antigo curtume Tupi. Se estabeleceram aí e eles colocaram uma oficina, não uma ferraria, mas já uma oficina com alguma máquina, e ali construíram a primeira trilhadeira. A primeira trilhadeira, que se tem notícia no Brasil, foram eles que construíram ali. O Aristides Germani, já com..., foi aquele que teve o primeiro moinho de, moinho a cilindro. Ele incentivou a produção de..., o cultivo do trigo. Então, precisavam as trilhadeiras pra trilhar, trilhar o trigo, né. E aí eles começaram a fabricar as máquinas agrícolas. Primeiro as trilhadeiras e depois fizeram algumas máquinas vinícolas, que precisavam aqui na colônia, precisavam pra fazer o vinho.

Susana: Para a fabricação do vinho?

Aldo: Pra fabricação do vinho. E ali o meu avô morreu, o meu bisavô, aliás, o Antônio morreu em 1908. E o Alexandre, com a família, foi lá no lugar onde está a firma hoje, lá na Sétima Léguas, naquele tempo era Sétima Léguas, Travessão Victor Emanuel.

Susana: E a firma começou com seus pais e depois?

Aldo: Não, não. Ela começou mesmo com uma ferraria, a primeira, porque eles não vieram como agricultores. Então eles... o meu avô tinha, o Alexandre era ferreiro e o meu bisavô, o pai dele, o Antônio era *falegname*, como eles chamavam carpinteiro, *marangôn*, carpinteiro. E ali eles começaram a oficina, a ferraria, né. Depois eles vieram pra vila e começaram, fizeram a trilhadeira, começaram a fabricar a trilhadeira. E, em 1912, é que eles foram lá onde está a firma hoje, e lá eles desenvolveram mais a fabricação de máquinas, trilhadeiras, principalmente trilhadeiras e máquinas vinícolas. E, em 1925, eles tinham a dificuldade, naquela época, pra os fundidos, que a gente chama as peças fundidas. Não havia fundição e quem fundia era o Alberto Bins, em Porto Alegre, que ele foi prefeito de Porto Alegre, ele tinha uma fundição e ele que fornecia os fundidos para o De Antoni. Em 1925, eles resolveram botar uma fundição de ferro. E aí eles começaram, foi uma das primeiras fundições, eu acho que foi a primeira aqui em Caxias, fundição de ferro, ferro fundido.

Sônia: E esse ferro era utilizado pela...?

Aldo: Para fazer peças, fundir peças para as máquinas.

Sônia: Que vocês produziam?

Aldo: Que nós produzíamos.

Susana: Nesta época a Eberle não tinha fundição?

Aldo: Não, o Eberle não. Até, o De Antoni fundiu, eu me lembro, que ainda fundiram peças para o Eberle, para o Dalle Mole, para as balanças [Balanças Dalle Mole]. Para o Eberle fundiram muito, muito tempo, até que depois eles colocaram a fundição. Mas isto veio depois.

Sônia: E nesses primeiros tempos, seu Aldo, a mão de obra era familiar? O dinheiro eles trouxeram da Itália para montar essa pequena oficina, essa primeira oficina?

Aldo: Ah, eles vinham com recursos de lá. Agora, as indústrias aqui em Caxias, eu acho que elas começaram assim familiar e depois elas foram desenvolvendo com os recursos próprios. Ah, eles tinham dinheiro, então compravam uma máquina, melhorava um setor ou outro, né. Porque eles não tinham capitais assim pra... um ou outro deve ter tido recursos, né. Por exemplo, os meus avós que vieram de lá, eles tinham lá na Itália, tinham um que fabricava trilhadeira, por isso que eles fabricaram trilhadeiras aqui. Que tem... o meu bisavô, o meu avô já vinha com conhecimento de

trilhadeira, dessa máquina, que é uma máquina simples. São poucas coisas que tem a trilhadeira. Ela tira o grão da espiga e depois ela separa o grão e tal, com um ventilador que ela tem, ela limpa, tira as cascas e limpa, o trigo e sai embaixo limpo já. Não é uma máquina complicada. Mas eles vieram já com ideias de lá da Itália pra construir isso aqui. E, em 1925, é que desenvolveu um pouco mais. Naquele tempo cada um tinha que ter a força pra movimentar as máquinas, não existia eletricidade. Então, ou tinha que ser por usinas movidas a água ou máquinas a vapor, ou motor a óleo diesel. E, no caso dos De Antoni, eles tinham motor a gás pobre, que eles chamam. Era um motor que funcionava com gás feito queimando lenha. Queimava lenha, então funcionava através de eixo de transmissão, ligavam com correia, né, as máquinas e daí tinha energia. Só mais tarde é que veio, veio a força elétrica que, então, cada máquina tinha o seu motor elétrico que era ligado a...

Sônia: Seu Aldo, o senhor, quando era criança, trabalhou na empresa de seu pai?

Aldo: É, eu trabalhei, mas depois eu estudei e...

Sônia: Como é que foi sua infância?

Aldo: Ah, a minha infância foi... até a idade escolar, até os oito anos eu estudei num colégio. O meu primeiro colégio foi o colégio Maguari. Esse colégio Maguari foi feito, foi construído pelo Arthur David, que era do Curtume Tupy. Foi feito para os filhos dos operários, né. Ele... eu não sei como é que depois ele se transformou em colégio estadual. Eles mudaram de lugar, foi lá onde está hoje o Maguari. Mas ele começou ali perto do Cipolla, [Pigozzi Cipolla & Cia Ltda.], onde tinha o Curtume Tupy, e era um colégio de madeira. Eu estudei ali até os dez, doze, onze anos. Depois eu fui para Vacaria, estudei no Colégio São Francisco em Vacaria, até fui colega do Sinval Guazeli. E depois vim a Caxias, voltei de lá com o Ginásio. Naquele tempo se tirava o ginásio em quatro anos. Depois fiz o comercial aí no [Colégio Nossa Senhora do] Carmo. Mas eu nunca exerci a profissão de contador, de guarda livros e tal. Naquele tempo era contador e guarda livros. Eu gostava mais da indústria. Daí, depois eu fui, trabalhei uns cinco anos quase no Banco do Rio Grande do Sul. Depois voltei lá pra indústria e sempre fiquei lá até... trabalhando lá com os irmãos, com os irmãos e os primos.

Sônia: No início, a sua empresa ela fornecia para os agricultores da região. E ficou só na região ou mais tarde começou a exportar pra outros estados, pra outras cidades?

Aldo: Ah, naquela época se trabalhava muito na... se trabalhava muito em engenhos de madeira, de serrar madeira, né, pinheiros, que tinham os pinheirais e tal, então, eles trabalhavam muito com as ferramentas de engenho, porque eles produziam as ferramentas e depois eles montavam um engenho no local da, no mato assim onde tinha o corte de pinheiros. Então, trabalharam muito

tempo com engenhos de madeira, que eram ferramentas pesadas, né, para os engenhos. E fabricavam máquinas para vinicultura e as trilhadeiras. Mas aquilo, aquilo começou sair também de Caxias [do Sul] e ir pra Santa Catarina, para o Ministério da Agricultura, de vez em quando eles compravam para colocar nas zonas de produção. Eles, através do Ministério da Agricultura, tinham a trilhadeira para... E, como nós éramos os únicos fabricantes naquela época, então se vendia para todo o estado para arroz, trigo, cevada. Ela servia, não era só para o cereal, né. Hoje já serve pra muito mais, para soja, para milho, para feijão. Naquele tempo, os colonos aqui compravam uma trilhadeira, porque todos eles plantavam trigo para subsistência, né. E, depois, eles colhiam o trigo e botavam no paiol em feixes, e depois passavam uma trilhadeira, um comprava uma trilhadeira e, então, ele passava o Travessão, a Linha, que eles chamavam, iam de casa em casa trilhar o trigo..., por porcentagem, né, tanto por cento. Por exemplo, dez sacos se fosse três por cento eram três sacos para dono da trilhadeira, né. E assim, eles formavam uma sociedade de três, quatro e, então, compravam uma trilhadeira para o próprio uso, e depois trilhavam aquela, aquela zona, aquele Travessão, assim é que funcionava a trilhadeira. Hoje não, hoje cada um tem a sua trilhadeira, porque serve para todos os cereais: feijão, trigo, milho, soja, tudo o que ele produz, um pouco de cada, mas ele tem a sua trilhadeira.

Sônia: Seu, seu Antônio, vocês recebiam algum incentivo do governo ou foi sempre pela disponibilidade, pela força de vocês?

Aldo: Não, eu acho que foi sempre pela força do... Eles trabalhavam e depois compravam uma máquina, admitiam mais um operário, mais alguém. Naquele tempo tinha... Então, eram sempre com os recursos próprios, economia e muito trabalho, muito sacrifício. Mas eles ampliavam assim as indústrias. E... a mão de obra vinha assim de amigos, vizinhos. Às vezes, na colônia, tinha gente que vinha pra cidade procurar serviço para aprender a fazer serviço, *amparar un officio* [aprender rum ofício], eles diziam. Eles iam pra aprender um ofício e às vezes ficavam. No caso do De Antoni, ficavam na casa lá do... dos De Antoni de pensão, como de pensão, né. Trabalhavam, naquele tempo não tinha, não tinha as leis trabalhistas assim, então eles trabalhavam mais, era de sol a sol, como diziam. E eles aprendiam a trabalhar, por isso que a mão de obra aqui em Caxias ela se fazia assim, porque eles aprendiam com os próprios patrões, ou com os colegas, com os operários que já estavam aí. Vinha um novato, ele ia lá, ajudava e aprendia. Era assim, sempre Caxias teve mão de obra boa e tal. Depois veio o SENAI [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial], ultimamente é a Universidade, e aquilo tudo formava...

Sônia: Quer dizer que os primeiros mestres de ofício foram os próprios patrões? É isso?

Aldo: É. No caso do meu avô, ele era ferreiro, né. Ele tinha sempre ajudante, então aprendiam com os primeiros imigrantes que vieram, pelos registros que tenho lá. Lá na Terceira Léguas, tem Parmegiani, Lazarotto, tem uns quantos aí que passaram pelos De Antoni e se tornaram depois empresários também. O Ettore Lazarotto, o Raimundo Balsaretti, e tem muitos que se tornaram bons *oficiais*, como se dizia, e depois eles se tornaram até empresários e...

Sônia: Então, a relação do empregado com o patrão, vamos dizer assim, mas na verdade não era... era de amizade, de companheirismo e, inclusive, ele era padrinho de casamento....

Aldo: Sim, sim. Isso tudo era.

Sônia: Fala um pouquinho sobre isso, seu Aldo.

Aldo: É, isso acontecia muito. A gente tinha, ah, geralmente era gente conhecida da colônia, vinha ali e até se estabelecia ali de pensão. Só iam para a casa no final de semana, no sábado e depois do serviço, porque trabalhavam no sábado também. Naquele tempo trabalhavam no sábado. E muitos até ficavam de pensão lá na casa e...

Sônia: E quem que lavava a roupa, fazia comida e tudo isso?

Aldo: Ah sempre tinha alguém que ajudava as... não era... era tipo de empregada, mas era gente da família que vinha aí da...

Susana: Da colônia?

Aldo: Da colônia, né?

Sônia: Seu Aldo, o que o senhor sabe de outras indústrias, das pioneiras daqui de Caxias?

Aldo: Bom, as pioneiras foram no setor, por exemplo, na metalurgia tem o Abramo Eberle, o Amadeo Rossi, que o Amadeo Rossi, depois, ele se transferiu para São Leopoldo. Isso, mal e mal que eu me lembro, deve ter sido ali na década de [19]30, no final de [19]30 ou no início de [19]40; na década de [19]40 deve ter ido para São Leopoldo. Teve os, o Lanificio Gianella, aí no Bairro Santa Catarina. Ah, eu acho que todo mundo ali em [Bairro] Santa Catarina passou pelo Lanificio Gianella, né, famílias inteiras, sabe. Era um arrabalde Santa Catarina naquela época. Era o Aristides Germani, com negócio de moinho, moinho a... foi o primeiro moinho a cilindro. Depois, com moinho também, teve o João Corsetti, Angelo Corsetti... o Luiz Covolan, o Bortolo Franzoi.

Sônia: Ali no bairro Santa Catarina tinha o Covolan, o De Antoni, o Gianella, o...?

Aldo: O Bortolo Triches.

Sônia: O Bortolo Triches. Por que o Bairro de Santa Catarina?

Aldo: Olha, eu não me ative a isso, mas eu acho que foi a água [Arroio Tega] Porque o Gianella teve uma usina movida a água; o Bortolo Triches, me consta, que também que teve uma roda que movia o malho para forjar. Ele fazia aquelas máquinas de massa. O Germani também, lá onde ele teve o moinho, ele botou o moinho lá em baixo foi por causa da queda d'água, e ele tinha usina também. Em Galópolis, teve o Lanificio São Pedro, também usou a água de lá para ter usina, né? E os moinhos do Franzoi eram movidos à água também, os primeiros moinhos, né, depois ele transferiu ali para a BR 116, aqui na cidade.

Sônia: Então, as regiões que tinham água, desenvolviam mais essa parte da indústria, da metalúrgica, etc. ?

Aldo: É, usava para mover outras máquinas, para mover as máquinas, ou, de alguma forma, a energia usada da água, né? E lá no Bairro Santa Catarina tinha, onde era o Lanificio Gianella, eles tinham uma usina ali. E mais abaixo, o arroio [Tega] corria, e mais abaixo tinha o Triches, o Bortolo Triches. E assim formou um bairro forte, o de Santa Catarina. Mas isto foi tudo na base do Gianella, do Lanificio, né.

Sônia: Seu Aldo, o que representou a abertura da BR 116?

Aldo: A BR 116 veio, trouxe muitas vantagens para Caxias no setor de transportes, de comunicações com outros centros e o transporte rodoviário e, inclusive, o de passageiro. O pessoal que viajava aqui era de trem antes, né. Quase que, exclusivamente de trem, porque não havia estradas para ir para Porto Alegre ou para o norte do estado. Então foi, trouxe muitas vantagens a BR 116, e um desenvolvimento maior, porque facilitou muito o transporte de mercadorias, a vinda de matérias-primas. É que nem a estrada de ferro, que as firmas compravam matéria-prima em Porto Alegre, né. Mas, depois, a estrada de ferro passava por Montenegro, e daí tinham firmas em Montenegro que forneciam as indústrias aqui de Caxias.

Sônia: E que estabelecimentos comerciais compravam os seus produtos em Caxias? Ou o agricultor chegava lá e comprava direto de vocês?

Aldo: Era direto com o agricultor. Agora, nós tínhamos assim, naquele tempo se usava a troca. Nós fabricávamos máquinas vinícolas, máquinas para pequenas, pequenos vinicultores caseiros, assim. Então, é o caso do Rossi lá na Nossa Senhora da Saúde, ele tinha casa comercial. Era uma casa que vendia de tudo, né, secos e molhados, como se diz, tecidos, vendia quase tudo pra colônia. Então, ele vendia as nossas máquinas. Meu pai, depois entregava as máquinas para ele e ele vendia para os colonos e, nós íamos comprar fazenda para o inverno, as roupas, essas coisas, como era uma família, eram três irmãos, era uma família, nós fazíamos as compras lá no Amadeo Rossi, assim

como no Guerino Sanvitto aqui, que foi outra casa de comércio, que ele trabalhava muito com a colônia, assim ele tinha de tudo, né. Então, ele vendia as nossas máquinas, nós entregávamos as máquinas pra ele, ele vendia, e depois nós fazíamos as compras. Um sistema de troca assim, mas senão eram vendidas diretamente. Ele vinha, ah, o colono vinha lá e encomendava uma máquina, ou encomendavam uma trilhadeira em dois ou três. Às vezes encomendavam uma trilhadeira e tal. Depois começou a se vender trilhadeiras com representantes, então na zona de arroz, mais na zona de arroz, né, porque, aqui na zona colonial, eles vinham diretamente comprar, encomendar uma máquina, então, tinha que fabricar ela, né. Não tinha assim, estoque de máquinas pra vender, a gente fabricava conforme os pedidos.

Sônia: E, ao longo de toda essa história, seu Aldo, como tem sido enfrentar a concorrência de outras empresas, até multinacionais, porque esse setor tem uma concorrência muito grande, né? Ou não?

Aldo: Bom, nós não tivemos concorrência nessas máquinas, porque, não tinham outros que fabricavam aqui. Tinha alguma coisa, em máquinas vinícolas, em Bento Gonçalves tinha o Farina que fabricou. Mas, senão eram estrangeiras e aqui se tornava mais fácil para eles comprar direto, né, porque... tinha uma firma em Porto Alegre que importava muitas dessas máquinas. Era o Bromberg, era uma sociedade de engenheiros Bromberg & Cia, que forneceu por muitos anos a indústria aqui de ferro de tudo que era tipo de matéria-prima pra indústria. Eles eram importadores também dessas máquinas. Mas existiam algumas máquinas importadas, assim, as vinícola, principalmente as vinícolas maiores.

Sônia: E seu Aldo, quando começou a cair a produção de trigo aqui, daí vocês vendiam para outros mercados?

Aldo: Sim, quer dizer, quando caiu a produção de trigo aqui, ela continuou em maior escala ali no Alto Uruguai, naquelas zonas lá, mas já não trilhavam mais com a trilhadeira assim. Precisava a automotriz, aquela que colhe e trilha, né. Mas, depois a trilhadeira começou a ser usada com soja. Os pequenos agricultores aqui usavam a trilhadeira com soja, com milho, com feijão. Então, trilhavam tudo, né, porque, primeiramente, o feijão era batido a *manguá*, como eles diziam. E depois passou a ser batido com a trilhadeira. Era só mudança de rotação de cilindro e aquela coisa pra não quebrar o grão, né. Depois houve uma proibição também do negócio dos moinhos, a política do governo e o aí que fecharam os moinhos coloniais, né. E daí houve o desinteresse de plantar o trigo. Aí eles começaram a comprar a farinha, produziam outras coisas e... compravam a farinha para o pão.

Sônia: E isto afetou a indústria de vocês?

Aldo: Não, porque a gente sempre... A trilhadeira não, porque ela passou a ser usada em outros cereais, em maior escala inclusive, e mais longe do que aqui. Mas, depois foram surgindo outras fábricas de trilhadeiras e, no fim, a trilhadeira estacionária, que era chamada essa aí, foi desativada. Ninguém quase, poucos usam essa trilhadeira hoje, a não ser para uso doméstico assim pros cereais que eles produzem em casa. Então, a gente começou a fazer outras máquinas: carreta agrícola, a semeadeira, o arado de disco, a grade, outras máquinas para indústria.

Sônia: Seu Aldo, o que o senhor teria a dizer, uma mensagem para as pessoas hoje em relação a esses pioneiros que chegaram aqui e construíram essa cidade?

Aldo: É, os pioneiros, eles venceram a troco de muito sacrifício, muito trabalho e o que os novos, os novos empresários, eles hoje têm maior facilidade, que eles trabalhem com muita fé, com muito.... que eles aproveitem as oportunidades que hoje têm de melhorar, de prosseguir com o progresso que Caxias apresenta hoje, com as firmas bem estabelecidas, bem organizadas, que continuem, que continuem trabalhando com o máximo de proveito para a felicidade de todos né.

Sônia: Seu Aldo, o senhor tem alguma coisa que a gente esqueceu de perguntar, que o senhor gostaria de falar? Do que o senhor escreveu, alguma coisa que a gente tenha esquecido e que o senhor gostaria de deixar registrado?

Transcrição em: 08 a 10 de abril de 1996.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 22 de dezembro de 2010 e 09 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 29 minutos.

Observação: